AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS NA CIDADE DE NOVA UNIÃO – RO

SELF-MEDICATION EVALUATION IN CHILDREN IN THE CITY OF NOVA UNIÃO – RO

ELIZETE MOREIRA **PINTO**[1*], WEVERSON ALVES **FERREIRA**[2]

1. Acadêmica do curso de Farmácia do Centro Universitário Luterano Ji-Paraná; **2.** Farmacêutico, Doutor em Química, Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná.

Rua Ayrton Senna nº 1167, Bairro Centro, Nova União, Rondônia, Brasil. CEP: 76.924-000. elizete.m.p@hotmail.com

Recebido em 06/11/2018. **Aceito** para publicação em 26/11/2018

RESUMO

A automedicação e o uso irracional de medicamentos são situações comuns e podem gerar vários problemas de saúde na população. Os principais fármacos envolvidos na automedicação são os denominados medicamentos isentos de prescrição (MIPs), sendo que, fatores financeiros, culturais e sociais contribuem para esta prática. O profissional farmacêutico assume importante papel como orientador e agente sanitário, contribuindo para o uso adequado de medicamentos e amenizando problemas relacionados a ela. Este estudo visou avaliar a prática da automedicação infantil no município de Nova União – RO, bem como, identificar os principais motivos que levaram os pais e responsáveis recorrerem a automedicação. Apesar da OMS reconhecer a automedicação responsável como aliada à saúde, no Brasil, vários são os profissionais que não seguem suas recomendações. Assim, uma assistência farmacêutica de qualidade, realizada por profissionais competentes, é fundamental para garantir o acesso e o uso racional de medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação, crianças, Nova União.

ABSTRACT

Self-medication and the irrational use of drugs are acute and can generate many health problems in the population. The main physicians involved in self-medication are prescription-only medicines (MIPs), and financial, cultural and social factors contribute to this practice. The pharmacist plays an important role as a guideline and health agent, contributing to the use of medications and reducing the problems related to it. This study aimed at the automation of children in the municipality of Nova União - RO, as well as to identify the main reasons that led parents and guardians to do self-medication. Although the WHO recognizes a responsible self-medication as allied to health, in Brazil, it is the professionals who are no closer to its recommendations. Thus, quality pharmaceutical care, which is carried out by the competent professionals, is fundamental to guarantee the access and rational use of medicines.

KEYWORDS: Self-medication, children, Nova União.

1. INTRODUÇÃO

O processo de automedicação é algo muito comum. Também reconhecida como autocuidado com a saúde, sua prática atinge uma parcela significativa da população. Neste tipo de conduta, o indivíduo acaba por consumir medicamentos por conta própria, ou por indicação de amigos, familiares e conhecidos, sem a prescrição de um profissional capacitado[1].

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece muitos aspectos positivos da automedicação, desde que esta seja realizada de maneira responsável. Em crianças ela geralmente acontece quando estas apresentam sintomas corriqueiros e seus responsáveis têm acesso a medicamentos que não necessitam de prescrição médica. Assim, as pessoas mais próximas e que passam mais tempo com a criança, utilizam a prática da automedicação por desejarem uma solução rápida para o problema[2].

Nesse sentido, muitas mães recorrem ao uso de medicação por conta própria em suas crianças quando estas apresentam algum sintoma, seja ele oriundo de alguma patologia grave, seja oriundo de uma patologia simples, como um resfriado. Entretanto, contatou-se que apenas 30% dos pais têm pleno conhecimento de como determinar e administrar corretamente a dose do fármaco em seu filho[3].

O uso da automedicação tem como principais motivos o fácil acesso aos medicamentos e a influência de terceiros. Neste último caso, insere-se a mídia de modo geral que, através de suas propagandas, instiga a população a consumir de forma irracional os produtos farmacêuticos[4].

De acordo com Wintter[5], as principais causas de intoxicação medicamentosa no Brasil ocorrem por dificuldade de compreensão das orientações médicas e de interpretação da bula. Dos aproximadamente cinquenta e sete mil casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico em 2016, 37,46% foram verificados entre crianças de 0 a 14 anos[6]. Estas intoxicações muitas vezes levam a sintomas (vômitos, diarreia, desidratação, hipertermia e acidose metabólica) que podem dificultar o diagnóstico e o tratamento de diversas patologias.

Infelizmente, as campanhas publicitárias normalmente divulgam apenas os benefícios dos medicamentos, quase sempre ocultando os malefícios associados ao seu uso. Estudos comprovam que mais de 90% das propagandas relacionadas a medicamentos estão em desacordo com a RDC 102/2000 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)[7], que regula a prática das propagandas em farmacêutica.

Em relação aos riscos associados à automedicação, o uso inadequado de um medicamento pode causar reações alérgicas, interações medicamentosas indesejadas e outros efeitos diversos. A automedicação também pode gerar resistência aos medicamentos e, quando for necessário administrá-los, não levarão ao efeito terapêutico desejado[3,8].

Diante dos fatos apresentados, o presente estudo teve como principal objetivo avaliar aspectos gerais relacionados à automedicação assessorada por pais e responsáveis, em crianças de até 12 anos, habitantes do município de Nova União – RO.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para atingir o objetivo deste trabalho, foi realizado um estudo transversal através de um questionário contendo treze questões, o qual foi aplicado aos pais ou pessoas responsáveis por crianças. Os 200 questionários da pesquisa, foram aplicados por uma estudante do curso de farmácia do CEULJI/ULBRA, por uma farmacêutica e por uma agente de saúde, no hospital municipal de Nova União - RO e algumas residências. O presente estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Ji-paraná e aprovado sob o protocolo nº. 97722118.1.0000.5297/2018. Durante a entrevista foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que o trabalho estivesse de acordo com as normas de pesquisas. Os dados obtidos foram tratados no programa Excel®.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 200 (duzentos) pessoas entrevistadas, 119 foram mulheres e 81 foram homens. Das mulheres entrevistadas 53,50% praticaram automedicação em crianças, já dos homens 35,00% já praticaram automedicação em crianças e 11,5% dos entrevistados disseram que nunca adotou esta prática.

Com relação à escolaridade, verificou-se maior número de participantes com ensino fundamental, chegando a 38 % dos entrevistados (Figura 1). Entretanto, observou-se uma baixa relação da automedicação com a escolaridade, visto que, independente da formação, a maioria administraram medicamentos em crianças sem a recomendação de um profissional de saúde habilitado.

Pode-se constatar que 80% das crianças foram automedicadas por um membro da família e 65,5% dos praticantes da automedicação eram os próprios pais das crianças. Urbano[9], afirma que, na maioria dos casos, a prática da automedicação infantil parte da própria mãe da criança, em seu estudo, 65% dos entrevistados que chegaram a medicar um menor de idade, sem auxilio de profissionais da saúde, eram mães.

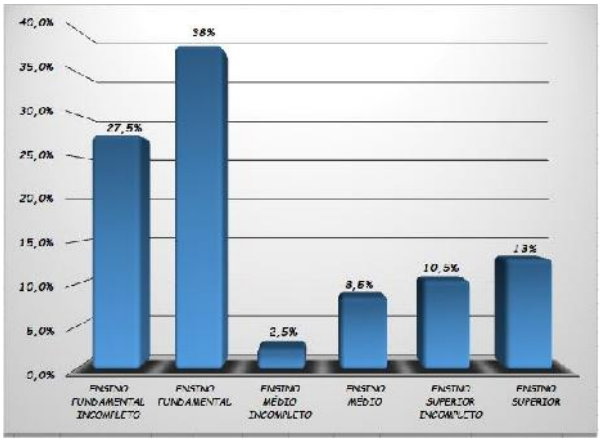

Figura 1. Nível de escolaridade dos indivíduos participantes da pesquisa. Fonte: dados da pesquisa.

Ao analisarmos a soma dos participantes que medicaram uma criança da família, chegamos a um total de 80% dos entrevistados, ou seja, a cada 5 participantes, 4 eram familiares da criança automedicada. Nesse segmento, constata-se uma tendência geral praticada pela população em compartilhar medicamentos com outros membros da família ou do círculo social, hábito este cada vez mais presente também no âmbito da pediatria[10].

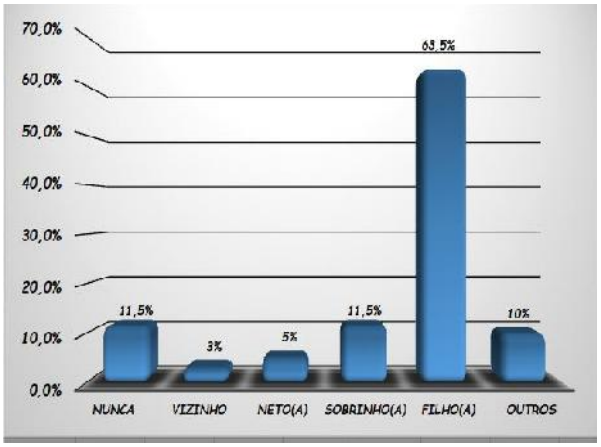

Figura 2. Relação entre a criança e o responsável por realizar sua automedicação. Fonte: dados da pesquisa.

No geral, os medicamentos industrializados foram os mais utilizados na automedicação de crianças, certamente isto está relacionado à facilidade em se obtê-los. Já os medicamentos manipulados foram os menos utilizados, isto pode ser explicado pelo fato de Nova União não ter farmácias de manipulação. Por outro lado, os chás também são muito utilizados como alternativa medicamentosa, pois, é comum pessoas que vivem no interior cultivarem plantas medicinais em seus quintais. Belo, Maio & Gomes[11] afirmam que na automedicação infantil, os fármacos industrializados são os mais utilizados. Eles também verificaram a

utilização significativa de alguns medicamentos com indicações específicas e limitadas a idade pediátrica. Dentre estes destacam-se os antitussígenos, expectorantes, antidiarreicos e antieméticos.

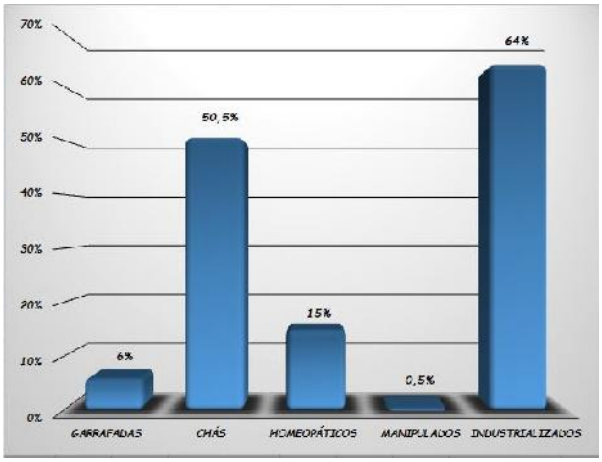

Figura 3. Avaliação das terapias utilizadas na automedicação infantil da população estudada. Fonte: dados da pesquisa.

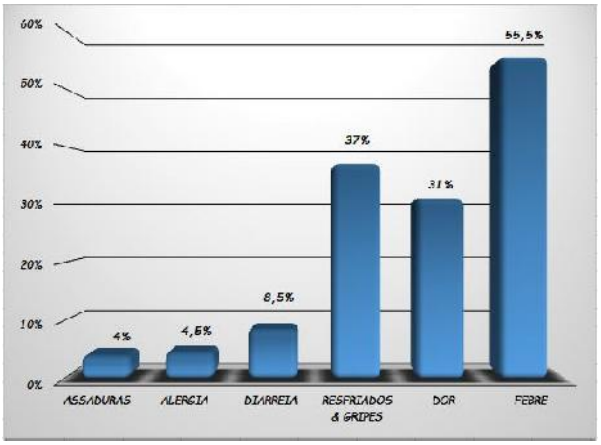

Figura 4. Principais sintomas que levaram à administração, por conta própria, de medicamentos em crianças. Fonte: dados da pesquisa.

Verificou-se que grande parte dos casos onde houve automedicação foram influenciados pelas mães dos participantes e receitas antigas. Silva[12] também relataram que os responsáveis pelas indicações foram familiares.

Febre, gripe, resfriado e dor são os principais sinais e sintomas que motivaram a busca pelo alivio rápido que, por muitas vezes, levaram à automedicação infantil da população estudada. Resultados semelhantes foram encontrados por Muller & Paim[13], que constataram que as motivações para a automedicação em crianças estão muitas vezes relacionadas à busca de solução de sintomas básicos, como resfriado, febre e dor. Complementando, Beckhauser[14] constataram em uma pesquisa que a febre é um dos principais motivos que resulta na automedicação. Para o tratamento desses sintomas são utilizados medicamentos de venda livre, a venda destes tem crescido nos últimos tempos, assim como a disponibilidade desses medicamentos, o que favorece a automedicação infantil e a relação entre os responsáveis.

Ao contrário do que se esperava apenas 2% dos participantes foram influenciados pela mídia. Dado semelhante foi encontrado por Soares[15], onde apenas 2,7% dos participantes do estudo, relataram receber influência da mídia na compra e escolha do medicamento. A influência dos meios de comunicação é relativamente baixa se comparado com os 73% que alegaram ter sofrido influência dos familiares. Assim, percebe-se a necessidade de informar este público sobre os riscos dos medicamentos e os benefícios do seu uso racional. Tais informações devem provir de fontes fidedignas e atualizadas, muitas vezes, não disponíveis em bulários e propagandas. Assim, conscientização da comunidade é um pré-requisito para que sejam alcançados níveis elevados de saúde. Neste sentido, nota-se a importância da participação do farmacêutico nesse processo educativo. Em estudo realizado por Arrais[16], apenas 25,8% de 833 pacientes receberam orientação sobre como tomar o medicamento no instante da dispensação.

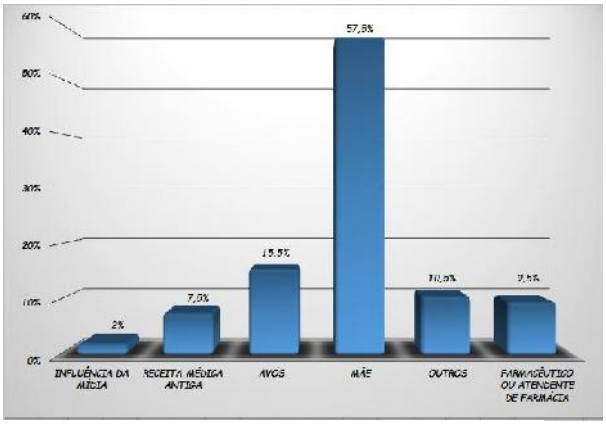

Figura 5. Influências pela automedicação infantil possíveis. Fonte: dados da pesquisa. Fonte: dados da pesquisa.

A precariedade da saúde publica no Brasil faz com que muitas pessoas acabem por optar por caminhos mais faceis e mais rápidos. Dos participantes da pesquisa, 29% alegaram que o motivo que os levou a medicar uma criança foi justamente a precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS). Contrariando o que se pode pensar, somente 5,5% dos pacientes medicaram por comodidade. Um trabalho de 2015 demonstrou que as motivições com maior destaque são a não disponibilidade de atendimento médico e a falta de medicamentos básicos nos serviços de saúde.

Quando questionados acerca do conhecimento dos efeitos adversos que o uso não racional de medicamentos pode causar, 45% dos entrevistados responderam não ter ciência deles. Já 20,5 % dos participantes da pesquisa alegaram não sentir-se seguros em ir a farmácia para tirar dúvidas sobre o uso de medicamentos.

Para Belo[17], aos riscos gerais da automedicação, deve-se acrescentar que a posologia pediátrica exige frequentemente o ajuste ao peso, idade da criança e intervalo entre doses. Estudos revelam que, por dificuldade de compreensão das orientações médicas

ou interpretação da bula, apenas um terço dos pais sabe determinar e administrar a dose correta do fármaco ao seu filho.

Os prejuízos mais frequentes decorrentes da automedicação incluem, entre outros, gastos supérfluos, atraso no diagnóstico e na terapêutica adequados, reações adversas ou alérgicas e intoxicação. Alguns efeitos adversos ficam mascarados, enquanto outros se confundem com os da doença que motivou o consumo e criam novos problemas, sendo que os mais graves podem levar o paciente à internação hospitalar ou à morte[18,19].

No Brasil, onde a saúde pública não tem recebido recursos orçamentários adequados e cuja estrutura organizacional representada pelo SUS não alcançou patamar suficientemente eficiente, poder-se-ia esperar que a demanda por saúde nas classes que dependem desse sistema estariam mais sujeitas a se automedicar.

A precariedade dos serviços de saúde contrasta com a facilidade de se obter medicamentos, sem pagamento de consulta e sem receita médica, em qualquer farmácia, onde, não raro, encontra-se o estímulo do balconista interessado em ganhar uma comissão pela venda. Mesmo nas camadas privilegiadas, que têm amplo acesso aos serviços médicos, a automedicação ganha espaço, havendo uma preferência para o tratamento imediato das enfermidades a fim de se evitar as longas filas do SUS e não interromper as atividades cotidianas e possibilitar um pronto retorno a elas[20,21].

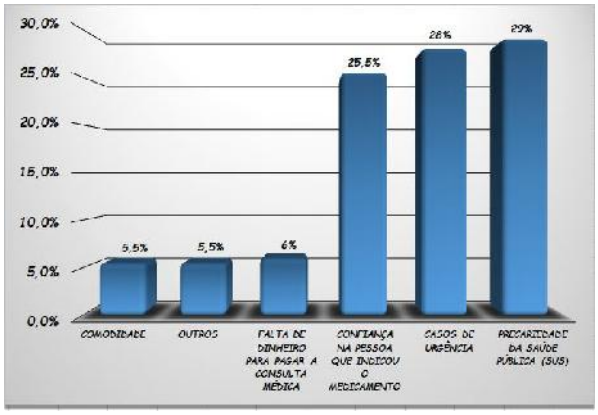

Figura 6. Principais motivos e justificativas dos pais e responsáveis para automedicação. Fonte: dados da pesquisa.

A polifarmácia ou farmácia caseira é uma forte influência para a automedicação, que vem aumentando de forma considerável nos últimos anos. É essencial que os pais e responsáveis mantenham os medicamentos fora do alcance das crianças. Na população estudada, uma em cada quatro participantes da pesquisa, alegou já ter presenciado casos de intoxicação de crianças por medicamentos (Tabela 1). Smeltzer e Bare[22], observaram em uma pesquisa que, as pessoas têm o hábito de armazenar medicamentos em vários locais e que suas embalagens coloridas e sabores agradáveis, podem ser atrativos que despertam a atenção da criança. Outro ponto negativo é o fato das embalagens poderem ser abertas com extrema facilidade, contribuindo para a ocorrência de acidentes e intoxicações.

Tabela 1. Questões abordadas junto a pais ou responsáveis por crianças, relacionadas à polifarmácia e riscos associados.

Questões avaliadas	% de pais ou responsáveis
Possuem medicamentos guardados em casa	79,5%
Mantem fora do alcance de crianças	72%
Advertem as crianças sobre os riscos de usarem medicamentos sozinhas	80%
Já presenciou caso de intoxicação medicamentosa em crianças	25%

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os países que mais consomem medicamentos, o Brasil ocupa a quinta posição e o primeiro lugar da América Latina[23] O uso desnecessário, assim como a utilização de medicamentos em situações contraindicadas, podem trazer sérios danos à saúde, como intoxicações medicamentosas, fazendo com que no Brasil, assim como em diversos países, o medicamento seja o principal agente tóxico causador de intoxicações humanas[24].

Intoxicações medicamentosas surgem devido a mecanismos complexos, podendo estar relacionadas a características individuais e a processos farmacodinâmicos e farmacocinéticos, que podem variar em relação às propriedades do produto, e suas interações com alimentos[25].

O índice elevado de intoxicações medicamentosas no Brasil é caracterizado por vários fatores. Dentre eles destacam-se a variedade de formulações presentes no mercado (que podem apresentar segurança e eficácia duvidosas), a proliferação de farmácias e drogarias, o incremento da propaganda de medicamentos, a fragilidade das medidas preventivas e a capacidade de fiscalização e controle por parte das autoridades. Juntos, estes fatores contribuem para o uso irracional dos medicamentos e agregam riscos a eles[26].

Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox)[6], em 2016 os principais agentes por intoxicações no Brasil foram os medicamentos. Neste ano foram registrados 9.305 casos de intoxicações por medicamentos em crianças de até 14 anos. Destes, 8.256 casos ocorreram em crianças de 0 - 9 anos e apresentaram maior prevalência na faixa etária de 1 - 4 anos. Estes dados estão relacionados à escassez de atendimento médico, carência de informação e instrução da população, influência do balconista da farmácia, familiares e amigos e a percepção do problema de saúde como sendo transitório e sem gravidade[27].

4. CONCLUSÃO

Foi verificado que a automedicação infantil no município de Nova União apresenta-se como um hábito

comum na comunidade. A precariedade do sistema público de saúde e a facilidade de se adquirir medicamentos certamente contribuem para o aumento dos adeptos dessa prática. É essencial conscientizar e educar as pessoas para fazerem uso racional dos medicamentos, principalmente os de venda livre. Muitas pessoas são influenciadas pelos próprios pais a fazerem uso indiscriminado de medicamentos desde a infância. A intoxicação por medicamentos é preocupante principalmente em crianças, que são caracterizadas como um grupo de risco, devido a curiosidade e a falta de conhecimento. Assim, uma atenção farmacêutica efetiva e de qualidade é necessária para se combater tais problemas e educar a população em relação aos prováveis riscos dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

[1] Fernandes WS, Cembranelli, JC. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: O papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. Revista Univap – São José dos Campos-SP-Brasil. ISSN 2237-1753. 2015; 21(37).

[2] Abrantes ASG. A Automedicação e a Prática Profissional do(a) Farmacêutico(a). Universidade da Beira Interior - Covilhã. 2013.

[3] Santos RC, *et. al.* A importância do farmacêutico para o uso racional de medicamentos em crianças e adolescentes**.** Revista Saúde.Com. Alfenas. 2013; 253-263.

[4] Flor LL. Avaliação da Interferência da Automedicação em Crianças Antes da Internação Hospitalar. Editora Realize. Paraíba. 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV055_MD4_ SA3_ID3021_30052016191545.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018.

[5] Wintter AA, Intoxicação medicamentosa em crianças: uma revisão de literatura. Revinter. 2016; 09(03):64-71.

[6] SINITOX. Casos relacionados de intoxicação humana, intoxicação animal e de solicitação de informação por Região e por Centro, Brasil. 2018.

[7] Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 102/2000. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/institucional/anvisa/apresentacao.htm Acesso em: 27. Out. 2018.

[8] Furtado CF. A informação é o melhor remédio: riscos da automedicação. Universidade Federal do Paraná. Colombo. 2013.

[9] Urbano AZR, Automedicação infantil: o uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e São Vicente. Revista Ceciliana. 2010

[10] Lima TAM, Automedicação em crianças matriculadas em creche pública. Arq. Ciênc. Saúde. 2016; 23(4):48-53.

[11] Belo N, Maio P, Gomes S. Automedicação em idade pediátrica. Nascer e Crescer. Porto. 2017; 26(4).

[12] Silva IM. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. Ciência & Saúde Coletiva. 2011; 16(Supl. 1):1651-1660.

[13] Muller AC, Paim RSP. Uso de medicamentos em crianças sem prescrição médica. Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG. 2015.

[14] Beckhauser GC. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. Rev Paul Pediatr. 2010; 28(3):262-8.

[15] Soares JFVI. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. Departamento de Fisiologia e Farmacologia da Universidade Federal de Santa Maria. 1998.

[16] Arrais PSD, Barreto ML, Coelho HLL. Aspectos dos processos de prescrição e dispensação de medicamentos na percepção do paciente: estudo de base populacional em Fortaleza, Ceará, Brasil. Cad Saude Publica. 2007; 23(4):927-937.

[17] Belo N, Maio P. Gomes S. Automedicação em idade pediátrica. Nascer e Crescer – Birth and Growth Medical Journal. 2017; 26(4): 234-9.

[18] Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2010; 15(5):2533-2538.

[19] Oliveira CM, Silva JA. Papel do profissional farmacêutico no uso irracional de medicamentos em pacientes pediátricos. FUNVIC Fundação Universitária Vida Cristã. Pindamonhangaba – São Paulo. 2016.

[20] Sá MB. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. Revista Brasileira de Epidemiologia. 2007; 10(1).

[21] Sobral CC. A importância do uso racional de medicamentos. FACIDER - Revista Científica, Colider. 2018; 11.

[22] Smeltzer CS, Bare BG. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 9.ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002.

[23] Iuras A. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). Rev Port Estomatol Med Dent Cir Maxilofac. 2016; 57(2):104–111.

[24] Nunes CRM. Panoramas das intoxicações por medicamentos no Brasil. Rev. e-ciência. 2017; 5(2):98-103.

[25] Nóbrega, H. Intoxicações por Medicamentos: Uma Revisão Sistemática com Abordagem nas Síndromes Tóxicas. Revista Saúde e Ciência, Campina Grande. 2015; 4(2):109-119.

[26] Klinger E. Intoxicação exógena por medicamentos na população jovem do Rio Grande do Sul. Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção. 2016; 1(1):1-8.

[27] Silva MF, Estudo sobre a utilização de medicamentos e a prática de automedicação por professores do 1º ao 5º ano de escolas municipais de Tubarão, Santa Catarina. Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC. 2012; 4(2).